

## AS PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA ATRAVÉS DE UMA HISTÓRIA DE VIDA THE PERSPECTIVES OF BRAZILIAN EDUCATION THROUGH A LIFE STORY

ISSN: 2595-8704. DOI: 10.29327/2323543.25.1-21

Raquel Maria Copini <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo pretende traçar um paralelo entre a história de vida da autora deste trabalho e a história da educação no Brasil, compreendida no mesmo período. Para entender melhor a evolução histórica dos acontecimentos, será feita uma linha do tempo cronológica desde o nascimento até os dias atuais, situando o leitor nos principais fatos que marcaram a trajetória de vida e a sua relação direta com a educação, desde a infância como estudante e depois na vida adulta como professora. Como fundamentação teórica serão usados autores como: Dermeval Saviani, Gaudêncio Frigotto, Paulo Freire e outros que discorrem sobre a educação brasileira, ressaltando o teor crítico das relações de poder e suas consequências através das políticas públicas. Os principais momentos históricos vividos pela sociedade brasileira e sua repercussão na vida pessoal e profissional constroem um roteiro que deixam a narrativa dinâmica e ao mesmo tempo gera uma reflexão sobre a vida. As referências existentes nos brindam com uma nostalgia acerca de determinadas épocas que fazem parte da história de vida pessoal e do país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; História; Vida; Paralelo.

### ABSTRACT

This article aims to draw a parallel between the author's life story of this work and the history of education in Brazil, detailed in the same period. To better understand the historical evolution of events, a chronological timeline will be made from birth to the present day, placing the reader in the main facts that marked the trajectory of life and its direct relationship with education, since childhood as a student and later in adult life as a teacher. As a theoretical foundation, authors such as: Dermeval Saviani, Gaudêncio Frigotto, Paulo Freire and others who discuss about Brazilian education will be used, highlighting the critical content of power relations and their consequences through public policies. The main historical moments experienced by Brazilian society and their repercussions on personal and professional life build a script that makes the narrative dynamic and at the same time generates a reflection on life. The existing references provide us with nostalgia for certain eras that are part of the history of personal life and the country.

**KEYWORDS:** Education; History; Life; Parallel.

---

Mestranda em Ciências da Educação pela ACU - Absolute Christian University. Graduada em Letras pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel. Especialização em Língua inglesa e Literaturas inglesa, pela UNIOESTE (PR) e especialização em Ensino de Ciências Humanas pelo IFCE (CE). **CURRÍCULO LATTES:** [lattes.cnpq.br/7926107780820212](https://lattes.cnpq.br/7926107780820212)

## INTRODUÇÃO

A história se perpetua através das ações desenvolvidas pelo homem. É nesse universo que as ações de cada um têm papel exclusivo, pois a história individual se mescla a de todos formando a história de vida de um povo. Sendo assim, somos influenciados pelos acontecimentos de uma forma geral, que acabam por interferir em nossa vida cotidiana e por consequência na construção do projeto de nossas vidas. A História é o estudo das ações humanas no passado e no presente, ou como defende o grande historiador Marc Bloch, a “ciência dos homens no tempo”. O conhecimento histórico ajuda na compreensão do homem enquanto ser, que constrói seu tempo e permite com isso, a construção de elos de aprendizado com o passado, resultando em mudanças no presente.

Segundo Nóvoa (2005, p. 10), não há presente sem o passado, visto que os indivíduos são produtores de história. É através da reflexão sobre a vida que o sujeito constrói um conhecimento sobre si, os outros e o cotidiano, ressaltando assim a importância da compreensão da história de vida, das relações e do papel de autor de sua própria história. Por isso, neste trabalho será feito um paralelo entre a história de vida da própria autora e a história da educação no decorrer das décadas vividas pela mesma. As relações entre ambas e os impactos causados pelos acontecimentos na construção da história de vida serão analisados e situados na passagem dos anos, destacando a relevância dos principais fatos e a repercussão dos mesmos no futuro.

### UMA HISTÓRIA DE VIDA E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A década era 1970, quando o Brasil vivia sobre forte regime de ditadura militar no ano de 1971, logo após a promulgação da Lei 5.692 de Diretrizes e Bases do Ensino de 1º e 2º graus, que por um lado trouxe alguns benefícios como a obrigatoriedade do ensino dos 7 aos 14 anos, mas ainda permaneceu com lacunas para uma

mudança maior e mais renovadora. Com foco na organização racional dos meios, acabou perpetuando o ensino tecnicista e o método funcionalista. Foi nesse mesmo ano que eu nascia numa cidade do interior de Santa Catarina. Filha de família humilde que vivera anteriormente da agricultura e depois de trabalho assalariado, cresci aprendendo a cultura oriunda de uma comunidade de filhos de imigrantes italianos. Com 5 anos iniciei a vida escolar no 1º ano primário na época, o que hoje corresponderia ao fundamental 1. Pelo fato de minha mãe trabalhar como serviços gerais na escola, acabei iniciando meus estudos mais cedo por ter sobrado vagas numa turma. A minha infância acabou sendo marcada por um convívio muito próximo à escola. Sempre que podia estava lá, ora ajudando minha mãe, ora brincando e explorando os arredores. Por se tratar de uma cidade muito pequena tinha bastante liberdade para percorrer a vizinhança e ter contato com a natureza. Das memórias escolares que tenho, além das brincadeiras e estudo bastante rigoroso, recordo com muito carinho os professores que tive e as aulas interessantes, bem como as matérias favoritas. Também fizeram parte de minha vida escolar, os castigos empregados por alguns professores nos anos iniciais de primário, que usavam métodos agressivos como ficar de joelhos em frente à sala ou ficar em pé atrás da porta, talvez ainda fosse herança de uma educação tradicional que aplicava métodos de violência física como castigo e punição. O livro didático já era usado como ferramenta de apoio durante as aulas e os livros paradidáticos também faziam parte desse material, que por sinal são algumas das minhas memórias favoritas. Algumas obras despertaram em mim, o fascínio pela leitura e literatura. A coleção de livros “Vagalume” foi um exemplo de boas leituras que fiz e de histórias que permaneceram em mim como inspiração e fonte de cultura.

O patriotismo e o civismo imposto pelo regime da ditadura podiam ser sentidos facilmente nas escolas. Todas as sextas-feiras tínhamos homenagem à bandeira com alunos em filas cantando hinos e apresentando

declamações de poemas, danças e músicas. Além das aulas de Educação Moral e Cívica, tínhamos também aulas de Trabalhos Manuais para desenvolver o senso de atividades práticas e técnicas. A prática de esportes durante as aulas de Educação Física também foram parte importante da minha história, pois participava de muitos jogos e corridas, que tinham papel de relevância não só na escola, mas também na comunidade. A música fez parte da minha infância e adolescência com grande relevância, através do canto que era incentivado na escola e igreja e com a participação em festivais de música, que viviam um momento de auge em todo país. Foi no 7º ano do ginásio que tive o primeiro contato com a aprendizagem da língua inglesa, que depois viria a ter um papel importante em minha vida profissional. Com aulas dinâmicas e práticas minha professora de Inglês acabou me conquistando e o idioma passou a ser uma paixão para mim, mesmo sem compreender que a língua inglesa estivesse entrando nas escolas por grande influência dos Estados Unidos, compondo um momento onde a escola passou a ser instrumento de reprodução das relações de produção capitalista. Nesse aspecto Saviani coloca que “paralelamente ao predomínio de tendência tecnicista, emergiu na década de 70, um conjunto de estudos que podem ser agrupados sob a denominação tendência crítico-reprodutivista” (SAVIANI, 2013, p.393), que compreendiam a educação sob o condicionante social, cuja função básica da educação seria reproduzir as condições sociais vigentes.

Tendo vivido o final da década de 70 e praticamente a década de 80 toda, na minha vida escolar básica, pude acompanhar a transição do regime ditatorial para a reabertura política. Participei com afinco das discussões sobre a mudança na Lei da Constituição de 1988, durante as aulas de Filosofia no 2º grau (Ensino Médio). Sendo essa década marcada pela ressecção econômica, também foi a década do surgimento das pedagogias contra-hegemônicas que segundo Saviani, “revestiam-se de uma heterogeneidade que ia desde os liberais progressistas até os radicais anarquistas,

passando pela concepção libertadora e com uma preocupação com uma fundamentação marxista”. (SAVIANI, 2013, pg. 223). Não poderia deixar de citar aqui a importância do grande educador Paulo Freire que por sua pedagogia centrada no povo e na autonomia de suas organizações, valorizando principalmente o acesso das camadas populares, teve grande importância e servia de inspiração a muitos educadores, bem como para as produções escritas. O mundo viria assim, a conhecer um dos maiores educadores que tem contribuído até os dias atuais com suas obras que a muitos inspiram.

Morando numa cidade pequena, as opções profissionais eram reduzidas. Foi por influência de minha mãe que acabei optando por fazer o curso de Magistério no 2º grau que era ofertado em dois anos, depois de cursar o primeiro ano básico, completando assim os 3 anos de curso. A minha escolha seria entre duas opções: técnico em magistério ou técnico em contabilidade. Lembro bem da importância dos cursos técnicos para a época, tendo em vista a escassez de universidades na região. A maioria das pessoas se formaria no 2º grau e teria apenas essa formação para a vida profissional. Aqui se faz importante salientar o tecnicismo como orientador da pedagogia que era voltada para os interesses de mercado e de formar cidadãos competentes para a vida em sociedade. Durante o encontro nacional de didática e ensino, de 1989, Miguel Arroyo destacava a importância da destruição do projeto burguês de formar cidadãos e trabalhadores submissos aos interesses burgueses, para a construção de uma escola voltada para uma pedagogia de trabalho e da prática, como um processo de produção e não inculcação. (ARROYO, 1986, p.17, apud, SAVIANI, 2013, p.417).

Com a idade de 15 anos eu já estava no último ano de curso e pode-se dizer que era uma aluna bem dedicada e aplicada, sendo assim fui convidada para assumir uma vaga de professora numa escola da zona rural, pois o município vivia um momento de carência de professores habilitados e formados. A sensação de entrar pela primeira vez numa sala de aula ainda me é bem

presente, assim como a dificuldade em chegar ao local de trabalho por ser um tanto remoto. A comunidade era formada por alguns sítios e pequenas fazendas, sendo que no centro do distrito havia uma igreja, um pavilhão de festas e uma escola. A escola era pequena e contava com 15 alunos distribuídos entre as 4 primeiras séries do ensino primário (hoje fundamental 1) numa única sala, pois a escola possuía apenas dois banheiros, uma cozinha e uma sala. Não haviam outros funcionários e a professora era obrigada a assumir todas as funções da escola, como: direção, secretaria, cozinha, faxina, tendo apenas a ajuda dos próprios alunos e dos pais, que também colaboravam com as atividades diárias, especialmente com o projeto da horta da escola. Para mim, foi um momento de extrema importância porque assumia uma grande responsabilidade com tão pouca idade. As dificuldades eram muitas, principalmente com relação ao aprendizado. Os alunos eram filhos de pequenos agricultores e tinham que trabalhar para o ajuda do sustento familiar, sobrando pouco tempo para os estudos. Mesmo assim, durante os 2 anos que estive afrente da escola obtivemos bons resultados. O método de ensino consistia em atividades tradicionais de exercícios de fixação, avaliações periódicas e aprovação ou não para a série seguinte. O ginásio não era ofertado lá, os alunos precisavam se deslocar para a sede da cidade se quisessem continuar os estudos. O transporte escolar foi uma das alternativas que surgiu para melhorar as condições de estudo da população que vivia naqueles locais afastados. Representou um grande avanço para a educação do município.

A gestão municipal administrava a rede de escolas de ensino primário e fazia todo o trâmite burocrático de contratação de professores e funcionários. Também ofertava cursos e formações continuadas para os professores, além de acompanhamento por parte de coordenador pedagógico que assessorava as escolas de forma geral.

Foi em 1989 que uma grande mudança viria a acontecer. Apesar de gostar de lecionar para aquelas

crianças, eu queria algo mais para a minha vida profissional e decidi prestar o vestibular para Letras na cidade de Cascavel, no Paraná, onde viviam meus tios. A escolha do curso foi feita com base na minha experiência e formação como professora e porque gostava muito de línguas, principalmente pela inspiração que tive com minha professora de Inglês anos antes. A minha entrada para a faculdade foi marcada por grandes transformações a nível de Brasil, que vivia um momento histórico com as eleições para presidente. Foi na faculdade que tive o contato com a política, os movimentos estudantis, sindicais e partidários. Participei de alguns protestos e movimentos em prol da classe de trabalhadores e contra o neoliberalismo que tomava conta do país e das instituições. Segundo Saviani era uma nova década que surgia trazendo consigo a desregulação dos mercados, a abertura das economias nacionais, a privatização dos serviços públicos e a crítica às democracias de massa. O modelo toyotista de tecnologia leve e de trabalhadores polivalentes era instalado e junto com ele a pedagogia das competências, onde o objetivo era dotar os indivíduos de comportamentos flexíveis que lhes permitissem ajustar-se às condições de uma sociedade em que as próprias necessidades de sobrevivência estariam garantidas (SAVIANI, 2013, p.235). Uma valorização do capital e de ser produtivo em tempo menor passou a ser o objetivo da economia, o que refletia diretamente no sistema de ensino, em que a ideia do professor passava a ser a de prestador de serviço, o aluno como cliente e a educação o produto produzido. Também se faz necessário salientar a explosão de cursos e faculdades privadas criadas para atender os interesses de mercado.

Ao findar minha faculdade eu já estava trabalhando como professora na rede municipal de ensino nos anos iniciais, onde pude colocar em prática muitos dos conhecimentos e teoria aprendidos durante a graduação. A pedagogia histórico-crítica me acompanhou durante algum tempo como âncora do trabalho que desenvolvia com meus alunos.

Amplamente divulgada entre os professores no início dos anos 90 trazia uma nova abordagem que inovava os antigos métodos tradicionais e tecnicistas, principalmente pelo despertar crítico que procurava despertar nos alunos, através do trabalho desenvolvido pelos professores, que tinham como referencial a teoria marxista e a construção do conhecimento através do domínio dos conteúdos essenciais. Dentre as recordações que tenho, as melhores são a dos textos produzidos pelos meus alunos e das correções coletivas que fazíamos em sala. A crítica ao sistema e o entusiasmo por conquistas de melhoria de vida e trabalho, me fizeram participar em uma das chapas que concorreram para a associação de professores do município. Tendo sido eleitos, assumimos a direção e assim permaneci por cerca de 5 anos trabalhando nessa associação como secretária, que mais tarde passou a ser Sindicato. Deste modo, pude vivenciar as inúmeras lutas dos professores, as greves, passeatas e negociações típicas dos movimentos sindicais. As lideranças sindicais tinham um papel bem relevante não somente entre a categoria, mas perante toda a sociedade. Os sindicatos de uma forma geral viviam um momento de ápice histórico.

Foram tempos de muita aprendizagem e que me trouxeram muitas oportunidades de conhecer pessoas e lugares representando a categoria, bem como atuando dentro da instituição em prol do benefício da categoria. Foi em meados dos anos 90 que prestei concurso para trabalhar como professora de nível médio no Estado do Paraná, assumindo assim o ensino da Língua Inglesa para o Ensino Médio. As autoavaliações e a qualidade total, típicas do sistema taylorista faziam parte do cotidiano escolar, que passaria a integrar esse modelo, no qual vivenciei durante os anos seguintes, através do sistema de premiações por mérito e produção. Frigotto evidencia muito bem a mercantilização da educação naquela época em seu discurso. “O que se busca, para uma concepção mercantil de educação, é, pois, utilizar na escola os métodos do mercado” (FRIGOTTO, 2011, p.14). Com a expansão de cursos em geral, inclusive pós-graduações,

pude ter a chance de cursar uma especialização em língua inglesa e literaturas, o que me deu uma maior amplitude dos conhecimentos vistos na graduação e representou também um avanço em termos de plano de carreira, conseguido pelas lutas sindicais da classe.

A virada do século, também representou uma mudança significativa em minha vida. As eleições de 2002 garantiram um novo governo no Brasil e exprimiam os anseios da classe trabalhadora que assumia o comando do país. Foi nessa época que minha família e eu resolvemos mudar para o Ceará em busca de uma nova vida também. Logo de início impulsionados pelo mercado de empreendedorismo que crescia em todo país, abrimos uma pequena empresa de prestação de serviços educacionais de curso de idiomas. Mesmo com muitas dificuldades conseguimos manter por mais de 7 anos os cursos de Inglês e Português para estrangeiros. Foi trabalhando com pessoas do mundo todo que pude ampliar muitos meus conhecimentos de língua estrangeira e também aprender as diversas culturas dos visitantes, a maioria turistas, que vinham em busca de diversão e práticas esportivas como kitesurf principalmente. Em 2004, firmamos um convênio através da Associação de Pescadores do Cumbuco com uma ONG da Suécia, para dar aulas de inglês à comunidade do Cumbuco e adjacências. Além de contar com a participação de professores da Suécia e outros países, também foi um momento muito enriquecedor, pois pudemos atender mais de 100 alunos. A troca de experiências entre pessoas de locais tão diferentes foi muito interessante e engrandecedora, assim como a participação dos membros da comunidade nas aulas, pois os mesmos tinham como objetivo aprender o idioma para atender melhor os turistas em seus ambientes de trabalho. O Brasil vivia um momento de pleno desenvolvimento e melhoria de vida para as classes menos favorecidas. Frigotto, ressalta que nesses anos houve uma diminuição do desemprego aberto, um aumento real do salário mínimo, a relação distinta com os movimentos sociais, não mais demonizados nem

tomados como caso de polícia e a ampliação intensa de políticas e programas direcionados à grande massa não organizada que vivia abaixo da linha da pobreza ou num nível elementar de sobrevivência e consumo. (FRIGOTTO, 2011, p. 6).

Em 2009, as dificuldades financeiras me levaram mais uma vez a prestar concurso público e foi assim que retomei minhas atividades como professora numa escola pública da rede estadual. A economia já dava sinais de recolhimento e a mercantilização da educação já era massiva. A competitividade era a marca relevante do processo. “Para o mercado não há sociedade, há indivíduos em competição. E para o mundo da acumulação flexível, não há lugar para todos, só para os considerados mais competentes, os que passam pelo metro que mede o tempo fugaz da mercadoria e de sua realização”. (FRIGOTTO, 2011, p. 17)

Os baixos índices alcançados nas avaliações externas de Educação colocavam o Brasil numa posição difícil e algumas medidas foram lançadas, como o PNE (Plano Nacional de Ensino) de 2010, que estabelecia metas a serem alcançadas até 2020, visando uma melhoria considerável no sistema de educação. Dentre as ações adotadas, a garantia do Ensino Médio como educação básica talvez tenha sido uma das mais importantes, e que pude constatar pelo trabalho que tenho feito diretamente com este nível, sentindo alguns avanços no cotidiano escolar. A distribuição de livros didáticos para todos os alunos e a distribuição das verbas de educação diretamente para as escolas, contribuíram para um melhor gerenciamento das mesmas, assim como o controle dos gastos, que repercutiram em uma merenda de melhor qualidade para os alunos e compras de materiais de apoio para as aulas.

Outro marco importante foi a promulgação da nova BNCC em 2017, que ressalta como pontos principais um maior protagonismo do aluno, a inserção de tecnologias e novas metodologias de educação. Com a democratização do ensino, a escola não é mais o único lugar em que se pode aprender. O conhecimento está em

toda parte democratizado pela internet. O uso de ferramentas digitais e a propagação do acesso virtual criaram novas possibilidades de aprendizagem. O professor não é mais o único detentor de conhecimento e o aluno tem se tornado um pesquisador autodidata na medida em que é capaz de utilizar as tecnologias em favor de seu aprendizado. Desta maneira, o papel do professor passa a ser o de mediador da construção do conhecimento, conduzindo o aluno através da busca pelos vastos campos de informações e saber. “Um professor atuante na era digital precisa deixar de lado a postura rígida e abrir espaço para novas descobertas e novos caminhos para inovar o processo educativo ao qual está inserido”. (MORAN, 2013, p.23)

Embora a tecnologia caminha a passos largos, as escolas ainda permanecem com carência de equipamentos e estrutura física para atender os alunos. Durante o período de pandemia vivenciamos uma deficiência de condições para atender os alunos, que em sua maioria não tinham acesso à internet e nem computadores, o que gerou uma distância ainda maior em comparação ao setor privado de ensino.

Em 2018, iniciei uma especialização em Ensino de Ciências Humanas pelo IFCE, visando além do aprendizado, uma retomada aos meus ciclos de estudos mais aprofundados que há tempos estavam parados. Também foi depois de concluir a especialização que decidi iniciar o curso de Mestrado em Ciências da Educação, em 2021, o qual tem me trazido inúmeros benefícios que vão desde o incentivo à pesquisa, o crescimento pessoal, a descoberta de objetivos a serem alcançados, até a verdadeira contribuição para a sociedade.

## **EXPERIÊNCIA VIVIDA COMO PROFESSORA DURANTE A PANDEMIA**

Em 2020 o mundo foi assolado pela crise da COVID-19, que causou um grande impacto em todos os níveis. A educação, por conseguinte, sentiu



profundamente o efeito da pandemia e até hoje estamos enfrentando os desafios e os problemas vividos durante esse período. De acordo com o Banco Mundial, cerca de 1,5 bilhões de alunos ficaram sem estudos presenciais em 160 países. As escolas tiveram que se adequar a situação e o ensino remoto foi imposto como solução para a continuidade das aulas. O grande problema foi a forma como foi colocado, pois não houve tempo para planejamento, nem verbas para subsidiar os equipamentos que seriam usados pelos professores e alunos. Embora, a educação à distância tenha crescido e se expandido muito, ainda há uma lacuna grande nos processos dessa modalidade, especialmente quanto ao preparo dos professores que às vezes se mantem um tanto relutantes à inserção das novas tecnologias. Segundo Kenski, é necessário, sobretudo, que os professores se sintam confortáveis para utilizar esses novos auxiliares didáticos. Estar confortável significa conhecê-los, dominar os principais procedimentos técnicos para sua utilização, avaliá-los criticamente e criar possibilidades pedagógicas, partindo da integração desses meios com o processo de ensino. (KENSKI, 2003, pg. 76)

Tendo em vista toda essa situação os professores tiveram que se adaptar às condições que tinham para continuar seu trabalho. No meu caso, não foi diferente pois, tive que usar os recursos que tinha para poder ensinar meus alunos. Com mais de 10 turmas de alunos do Ensino Médio na disciplina de Inglês distribuídas entre 1º, 2º e 3ºs anos iniciamos o uso da plataforma *Google Classroom* com as aulas online e gravando vídeos para postagens nas redes sociais. Além de aprender a usar as novas tecnologias, a gravação e a edição de vídeos fizeram parte das novas tarefas desempenhadas e representaram um grande desafio, porque a maioria de nós não tinha o conhecimento necessário para desenvolver os novos recursos. Assumir o papel de “blogueiro” foi então uma das novas tarefas do professor.

Além de professora, também desempenhava o papel de PCA (Professor Coordenador de Área) com a responsabilidade de acompanhar e ajudar os demais professores da área de Linguagens e Códigos. Pude constatar na prática a dificuldade de diversos professores em lidar com as novas tecnologias e plataformas de sala de aula. Inúmeras vezes tive que auxiliar no passo-a-passo para utilizar as ferramentas da plataforma para inserção de conteúdos e notas. O processo de provas *on line* na modalidade de formulários representou também um desafio para alguns professores que nunca tinham tido contato com esse tipo de conteúdo virtual.

Pode-se dizer que um grande obstáculo que tivemos foi a falta de material técnico e aparelhos para o ensino remoto. Muitos professores nem sequer tinham um notebook ou então, possuíam aparelhos de celular antigos e com poucos recursos e, quando se chega ao nível dos alunos, a situação foi ainda pior. Muitos não possuíam celulares e tiveram que ficar sem aulas ou então emprestar aparelhos dos familiares. O acesso à internet também era um problema, pois nem todos tinham condições de pagar um plano de acesso. Foi somente depois de alguns meses que o governo conseguiu distribuir chips para todos os alunos das escolas públicas. Mesmo assim, alguns alunos ainda ficaram sem acessar as aulas virtuais, porque tiveram que começar a trabalhar para ajudar a família, então, a solução foi a escola disponibilizar material impresso dos conteúdos postados online para esses alunos.

Enquanto lidávamos com todos esses problemas de ordem técnica e logística, não podemos deixar de destacar a parte psicológica que estava abalada pela perda constante de pessoas próximas ou conhecidas para a doença que se espalhava. O medo da morte e a falta de vacinas era um agravante que se fazia presente no cotidiano e deixava a todos com sensação de vazio e insegurança. Também o *lockdown* nos fez enfrentar uma nova realidade, uma nova experiência de vida e de

convívio, principalmente familiar, que nos levou a uma reclusão, a qual nunca havíamos passado antes.

Diante dessa realidade, a consequência mais grave que sentimos durante a pandemia foi a evasão dos alunos. A baixa presença durante as aulas e o baixo número de acessos nas plataformas foi sem sombra de dúvidas uma constante. Foram dois anos que muitos alunos se distanciaram da escola e essa lacuna que se criou com certeza vai repercutir por toda a vida escolar, principalmente nas escolas públicas que se distanciaram ainda mais da rede privada, que dispunha de mais recursos e que vivenciou outra realidade, onde as famílias puderam prestar todo o apoio ao que seus filhos necessitaram para continuar estudando.

Segundo (Silva “et all”, 2022) o ensino remoto trouxe à tona discussões sobre a necessidade de vivenciar as metodologias novas que, inseridas no contexto das sociedades ditas tecnológicas, trouxeram também a oportunidade de rever práticas pedagógicas que devem atender demandas antigas no que concerne à necessidade de intercâmbio entre os fazeres da escola e a realidade vivenciada de modo prático. A pandemia ressaltou a necessidade de aproximar mais a escola da realidade do aluno e de mudanças nas metodologias que precisam ser feitas para um avanço mais efetivo no ensino, bem como nas relações de aprendizagem entre professores e alunos.

Sendo assim, ainda temos muitos desafios a enfrentar pós-pandemia, as escolas estão se reorganizando e mudanças fazem parte desse processo. Como nos diz o patrono da educação, Paulo Freire (1996), ensinar exige criticidade, respeito aos saberes do educando, risco, aceitação do novo, consciência do inacabado e convicção de que a mudança é possível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou uma análise e reflexão sobre a vida acadêmica e profissional, tendo como destaque o compromisso que

sempre tivemos com a educação no decorrer dos anos, primeiramente como estudante e depois como profissional, em diferentes níveis de ensino e participando como articuladora em diversos movimentos sociais. Ao longo dos anos pudemos estar em contato com várias pedagogias e acompanhamos a mudança de cenário político e econômico do país. Tendo trabalhado no setor público e privado pudemos vivenciar diferentes contextos e ambientes, além de diferenças de cultura o que nos fizeram entender que nos cabe vivenciar cada momento de forma especial, mesmo que em certas ocasiões nos custem mais empenho e ânimo para prosseguir.

A contribuição que temos com mais de 25 anos de serviços prestados, vai além da transmissão de conhecimento, pois me considero uma profissional ativa e coerente. Como educadora, sempre tive a esperança de um amanhã melhor, num mundo mais justo e evoluído para uma sociedade mais humana, como nos diz o mestre Paulo Freire, que será construída por pessoas de boa vontade e de valores fraternais. Espero deixar a minha parte nessa história e contribuir para isso, pois todos os acontecimentos de minha história pessoal deixaram a marca em mim e conceberam a mulher que sou hoje.

Pensar a educação é uma prática que deve ser constante e refletir sobre nossa vivência profissional nos dá margem para novas ações. A educação no Brasil enfrenta desafios significativos, como a desigualdade de acesso, a qualidade variável de ensino e a falta de investimentos adequados. Avanços têm sido feitos, mas é crucial um compromisso contínuo com reformas estruturais, investimentos substanciais e políticas inclusivas para garantir um sistema educacional mais equitativo e de alta qualidade para todos os brasileiros.

## REFERÊNCIAS

ABBUD, MARIA LUIZA MACEDO. A História da Educação como disciplina nos cursos de Formação de Professores.



ANPED SUL 2008. VII Seminário de Pesquisa da Região Sul.UNIVALI/Itajaí - SC. jun.2008, p.1-8.

ECCO, IR; NOGARO, A. A Educação em Paulo Freire como Processo de Humanização. Educere XII Congresso Nacional de Educação. Paraná: 2015. Disponível em 18184\_7792.pdf

FREIRE, PAULO. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FRIGOTTO, GAUDÊNCIO. Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI. Revista Brasileira de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Jan.- Abril de 2011.

KENSKI, VANI MOREIRA. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 4.ed. Campinas: Editora Papirus, 2003. 157 p.

MORAN, JOSÉ MANUEL. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: Moran, José Manuel; Masetto, Marcos T.; Behrens, Maria Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2013. \_\_\_\_\_, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá Campinas, SP: Papirus, 2012.

NÓVOA, ANTÓNIO. Apresentação: Por que a história da educação? In: Stephanou, Maria; Bastos, Maria H. C. (Orgs.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil, vol. II: Séc. XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SANTOS, A.D.A., SILVA, J.W.S., OLIVEIRA, R.V. A Cibercultura e os Desafios da Educação na Pandemia da COVID-19. 2022. Disponível em: A cibercultura e os desafios da educação na pandemia da COVID-19 (researchgate.net) Acesso em 13/09/2022.

SAVIANI, DERMEVAL. História das ideias pedagógicas no Brasil. 4 ed., Campinas, São Paulo, SP: Autores Associados, 2013 (Coleção Memória da Educação).